

Como eles são...

A mentalidade de certos parlamentares... O que disse na Câmara dos Deputados, o sr. Agatão Lanza, vale por um documento humano. Por esse formidável discurso, pasmoso, inconcebível, se vê o critério atrasado, estreito, de certos dos nossos políticos. O facto de se ser preso é para esse homem o mesmo que ter sido julgado moralmente e condenado!

Com o mesmo critério, e certamente por informações colhidas na própria polícia, contra a qual pesa a acusação de ter assassinado dois presos, fez esse deputado várias informações audaciosas. Uma delas é que a manifestação a Belém foi organizada pela Legião Vermelha, tendo nela tomado parte 50 legionários armados de bomba e pistola.

Este sr. deputado, nem sequer repara que, afirmando que a Legião Vermelha consegue organizar manifestações como a de Belém, em que tomaram parte mais de 80.000 pessoas, está a dar à Legião Vermelha uma importância que nunca ela teve. Quanto aos tais 50 legionários, ninguém deu por eles. E para que diabo queriam os legionários as bombas e as pistolas numa manifestação pacífica, em que se não desatou ninguém?

Este sr. Agatão Lanza, sem querer passar à Legião Vermelha um atestado de instituição ordeira, por que afirmando que a grandiosa manifestação popular de Belém foi obra sua, o mesmo equívoco a dizer que ela é amiga da ordem. Se assim é, não chegamos a compreender como tanto se indigna o sr. Agatão com a presença de legionários nas galerias da Câmara. Pois se eles são um elemento de ordem...

Não há realmente o direito de se fazer tão pouco do bom senso e da inteligência de cada um, vindo atirar para o ar com palavras a esmo como quem dispara as pistolas dos imaginários legionários de Belém. As acusações do sr. Lanza causariam riso, se não fosse consternarem-nos pelo que representam do estado de espírito, da acanhada mentalidade dos nossos homens públicos.

No entanto, sinceramente desejamos ao sr. Agatão Lanza, que se não foi preso ainda, o não venha a ser, do que ninguém está livre, da maneira como a polícia anda desenfreada. Desejamos-lhe isto, porque poderia vir a suceder que alguém, seu adversário político, com o mesmo critério que tem o sr. deputado, viesse a fazer vir o feitiço contra o feitiço, e o mandasse prender e deportar, só com o fundamento nas prisões que tenha sofrido.

Mas talvez tenha razão o sr. Agatão Lanza. Desde que o *Século* substituiu já o *Manual Político do Cidadão* português pelo *Cadastros* das pessoas que não tinham outra leitura senão a dos jornais, não podem, na verdade, pensar doutra maneira.

Uma arbitrariedade!

Foi ontem proibida pela polícia a assembleia geral dum sindicato

Ontem, conforme anunciamos, reuniu em assembleia geral, o Sindicato dos Marinheiros e Moços da Indústria Mercante para tratar de vários assuntos de ordem interna, entre eles a venda do prédio. A assembleia ainda se iniciou mas não pôde prosseguir porque um agente da polícia ordenou a sua dissolução. Porque se proibiu uma reunião dum sindicato que tem os seus estatutos e alvará devidamente aprovados e que visava não a tratar assuntos estranhos à classe, mas meras questões de expediente, de vida interna, que não podiam ter a menor influência na ordem pública? E nisto que os conservadores e os governos, que são também conservadores, chamam «a vida da nação»? Em que perigavam as instituições ou a marcha da vida política e económica que o sindicato decidisse vender ou não o prédio?

A estúpida medida foi tão flagrante que dois dos agentes que acompanhavam o que mandou encerrar a assembleia geral o increpavam. Ressalta dessa questão entre os três agentes que a vida dum sindicato, as reuniões dos sócios, andam à mercê do primeiro imbecil, talvez assessorado em discípulo predilecto do famoso antigo chefe Xavier.

Os reportes dalguns jornais, que tinham ido aquele sindicato desempenhar-se da sua missão, estranharam e protestaram contra aquela iníqua medida. A isto chegamos: um simples agente, sujeito de alma e de corpo, malcriado e ignorante, sobrepe-se à Constituição da República e proíbe o que as leis autorizam.

As 8 horas de trabalho constituem uma regalia que tem de manter-se para prestígio da organização operária e que é imprescindível à economia das massas trabalhadoras

E' presentemente uma das principais preocupações do operariado português a questão do horário normal de trabalho. Pelo país fora, o patronato e as autoridades que têm o dever de zelar o integral cumprimento das leis, uns e outros de acordo muitas vezes, porfiam no cometimento de toda a espécie de atropelos ao que estatui o título diplomático sobre o horário de trabalho.

Já ontem nos ocupámos do assunto, chamando a atenção das entidades superiores para o procedimento ilegal e de inadmissível parcialidade desses seus agentes na província.

Volto hoje de novo ao assunto e especialmente ao operariado que queremos dirigir-nos. O estabelecimento do horário de oito horas de trabalho por dia, sendo das conquistas que mais dispêndio de energia tem custado aos trabalhadores, não devem eles consentir por forma alguma que o patronato e os pseudo-defensores da lei a espalhem, porque ela é também das mais importantes, sendo já hoje imprescindível ao prestígio do movimento sindicalista e à economia das classes trabalhadoras.

Quando já se começa agitando a necessidade de reclamar da classe exploradora o horário máximo de seis horas diárias de trabalho, o desrespeito ao horário de oito horas, por operários feitos ou por eles consentido é inadmissível.

Não é demais repetir as razões que justificam o estabelecimento do horário máximo de oito horas. O trabalhador não é já não deve ser, o escravo vivendo apenas para atulhar o celeiro ou a buroa do seu senhor. Tem necessidades a satisfazer além das do estômago, e por tal motivo não pode ficar eternamente encerrado na oficina ou curvado sobre as terras de seu amo. Mesmo porque isso seria prejudicial à sua saúde que não vale menos que a do patrão que o explora.

A Inglaterra no Oriente

O atentado ao governador da Palestina.—O espírito prático britânico

CAIRO, 20.—Não se confirma a notícia do assassinio do governador britânico Abranson, da Palestina. Abranson foi efectivamente alvo dum atentado, de que saiu ileso.

O comandante da polícia britânica de Jerusalém ordenou às comunidades hebraicas que entreguem o autor do atentado ou paguem uma multa de cinco mil libras.—(L)

Efeitos da proverbial tolerância britânica

CAIRO, 20.—O governo britânico anexou no dia 18 as cidades de Maan e Akaba, do reino de Hedjaz.

Em qualquer das cidades aumenta diariamente a agitação anti-britânica, tendo os respectivos chefes indígenas ameaçado assassinar todos os súbditos britânicos que nelas entrarem.—(L)

A revolta na China

Um pouco de história sobre as causas do conflito de Xangai

Os acontecimentos de Xangai surgiram a propósito dum greve dos operários da indústria de fiação inglesa destituida. Os americanos e os ingleses intermederam-se no conflito.

No mês de fevereiro, os operários e operárias da dita fiação reclamaram um aumento de salário e a demissão dum mestre da fábrica. Os patrões recusaram e a greve começou.

Em 15 de fevereiro, a pesar do número de grevistas ser já de 30.000 nas fábricas japonesas, os patrões reuniram-se em conselho e decidiram não ceder às suas reclamações.

Do lado operário, a Confederação dos Sindicatos de Xangai fez apelo à solidariedade das outras classes, a fim de se sustentarem a greve. Foram organizadas reuniões ao ar livre, tomando parte nelas também as mulheres.

A 16, o operariado cessou bruscamente o trabalho, e os patrões temendo uma insurreição, fecharam as fábricas.

No mesmo dia, 45 organizações operárias decidiram apoiar pecuniariamente o movimento.

Os patrões reuniram-se outra vez, e decidiram a continuação da mesma tática. Mas a polícia chinesa e internacional foi-se pôr à sua disposição. A 19, dispersou uma reunião, e prendeu 18 operários. A 20, 15 grevistas foram enviados para a prisão chinesa, e 25 para a prisão do bairro europeu.

O governo chinês achava-se impotente, mas o Japão pediu permissão para desembarcar tropas. O comité da greve poz-se corajosamente a organizar os socorros.

Dez mil grevistas organizaram uma manifestação aos gritos de «abaixo os capitalistas japoneses». A polícia carregou sobre eles, ferindo um grande número, e prendendo vinte.

A imprensa burguesa confessa hoje que a origem do conflito foi devido ao gesto dum contra-mestre japonês que matou um operário chinês.

Eis, nalgumas palavras, a verdade sobre as causas iniciais do conflito de Xangai, que depois se estendeu ao resto da China. Vê-se nelas a mão e os processos universais do capitalismo.

A'lem disso o trabalho excessivo só o pode prejudicar, pois originando a super-produção lança-o no desemprego e na fome, porque não trabalhando os detentores da riqueza não lhe dão direito a alimentar-se preferindo inutilizar os géneros armazenados, que não lhe fazem falta a distribuí-los aos que os produziram e que deles necessitam.

A actual crise de trabalho torna agora, mais do que nunca, de absoluta imprescindibilidade o cumprimento a rigor do horário normal de trabalho.

Impõe-se portanto que a organização operária, que o operariado de todo o país se erga activamente contra a classe patronal que pretende negar-lhe o usufruto dum direito irrecusável e contra as autoridades que, em vez de fazerem cumprir o que a lei estatui, como é seu dever, atropelam a lei, mancomunando-se com o patronato, ou colocando-se parcialmente a seu lado numa questão em que a razão pertence ao operariado, demonstrando uma vez mais que não merecem o regosijo dos operários as concessões obtidas pela via legal, que só do seu esforço podem esperar a consecução daquilo a que têm jus.

Operários! Camponeses! Lantai pois, com energia, pela manutenção do horário máximo de trabalho de oito horas por dia.

Não vos fieis nas benesses que o Estado haja por bem distribuir-vos, pois isso só serve a amortecer o espírito de luta e de resistência aos intuitos escravizadores dos exploradores do vosso esforço.

Só lutando decididamente, solidariamente, conseguireis ver respeitados os direitos adquiridos à custa de muito sacrificio vosso e dos vossos antecessores na miséria e na escravidão.

Tomai, pois, activamente, o único caminho que vos pode impôr a consideração dos que dominam pela força e pelo dinheiro.

A moral deles

Emquanto se deportam para regiões insóportáveis operários honrados de mistura com supostos legionários as autoridades democráticas desta república reaccionária favorecem pela sua «indiferença» e «incuria» a fuga de muitos elementos que ultimamente estiveram envolvidos na criminosa tentativa fascista-ditatorial.

Assim, a propósito da recente fuga de São João da Barra do preso político, alferes Silveira, informamos-nos que o sargento que se encontrava de guarda na ocasião das visitas resolveu nessa altura ir dar um passeio a cavallo pelas proximidades da Torre.

Quando voltou já lá se não encontrava o alferes Silveira—facto a que aliás não ligou grande importância, nem tão pouco os seus superiores.

E' estranhável, pois, que encontrando-se actualmente detidos indivíduos, que pelas autoridades são considerados perturbadores da ordem pública, se maltratam e assassinam uns, quando pretendem fugir, e se facilitam tanto a fuga a outros, não tendo sido até à data atingido ao evadir-se qualquer reaccionário fascista por tiros daqueles, que lhe servem de guarda.

A guerra de Marrocos

A luta no parlamento francês

PARIS, 20.—Depois dum acordo estabelecido com o sr. Painlevé, o deputado sr. Berthelot consentiu em adiar a sua anunciada interpelação sobre Marrocos para a próxima terça-feira, dia em que o presidente do conselho fará novas declarações sobre a situação no norte de Africa.—(L)

Perseguições aos revolucionários franceses

Quasi por todos os recantos da França a polícia persegue os revolucionários que ousam protestar contra o crime marroquino. Em Marselha, em Tours, em Perpignan, Paris, etc., são presos militantes por afixarem cartazes, ou distribuírem prospectos. Na Tunísia suspendem-se jornais.

Os malfeteiros, que organizam a guerra têm a consciencia tão tranquila, que só pensam em abafar as vozes que lhes gritam as verdades na cara. E conseguem-lho, sempre, enquanto o povo lho consentir!

LÊR AMANHÃ NO

SUPLEMENTO

—DE—

"A BATALLA"

O congresso luso-espanhol para o progresso das sciencias.

As deportações de operários—Desfazendo uma confusão ardilosa.

A regulamentação da morte.

Dj espírito colectivo, por Eduardo Freitas.

A epopeia do trabalho—O lenhador.—Texto de Ferreira de Castro e desenho de Roberto Nobre.

A galinha e os pintos—Conto para crianças, por Maria de Soto Maior e Abreu.

Maldito Alcool—Conto de Lhu Max Araújo.

O que todos devem saber.

Chico, Zecas e C.ª

Caricaturas de actualidade de Stuart Carvalhais.

Notas & Comentários

«O Rebate» vermelho!

Portugal é o país da mentira e por contágio, por um pavoroso contágio, poucas pessoas se podem vangloriar de não terem na sua vida contágio—de mentira.

O Rebate nem precisa de ser contagiado, antes tem sido um agente contagiador. Se nós fôssemos a dar-lhe crédito, estavamos já, com certeza, incluídos no número daqueles que em tudo acreditam, inclusive—em Deus.

Porém, nós não somos, diante dos políticos, pessoas de boa-fé nem de má-fé; somos simplesmente criaturas incrédulas. Se não fôssemos esta incredulidade teríamos juntado com força as duas mãos e aplaudido, com furor, esta passagem do fundo do Rebate, de ontem:

«Fá-lo há—o partido democrático—gratuitamente obrigando os detentores da propriedade privada a abdicar progressivamente dos seus privilégios que, a luz pura, não têm a justificadão sendo o preconceito.»

Como o Rebate está avançado... a ponto de atacar o direito da propriedade, que considera um preconceito, e os proprietários—uns usurpadores!

Quem dirá que este jornal—tão avançado—é o órgão do sr. António Maria da Silva?

Uma tragédia

O sr. Agatão Lanza recorda-nos—sem lisonja para ele—certo marechal gaules, de espada nua, era homem notável, mas que depois de se embainhar ficava muito abaixo dos homens mediores. O sr. Agatão do Rato é um homem que se bate por uma opinião, o sr. Agatão do 14 de maio é ainda um homem que se bate por uma ideia, mas o sr. Agatão que discursa é—confessamos-lhe sem parcialismo estreito—o mais inferior dos democráticos de Alcábalde.

O sr. Agatão bem o sabe, pois que nos seus discursos costuma falar nas suas cicatrizes, sabendo de antemão que se elas o recomendam. Seria melhor que em vez de citar as cicatrizes demonstrasse não necessitar delas para fazer com que todos nós lhe voltemos as costas quando ele fala.

Sabem lá a tortura que representa ouvir um discurso do sr. Agatão?... É uma tragédia...

Deplorável forma de instruir

Recebemos uma carta de João Miranda de Oliveira dizendo-nos que, tendo sido informado que o professor da escola Ferreira Borges, sr. Carlos Pedro Pinto Ferreira, não usava com os seus alunos a correção devida, foi assistir a uma aula no dia 18, tendo verificado a veracidade dessas informações.

Além de não se esforçar por instruir devidamente os seus alunos na disciplina da leccionação—matemática—trata-os agressivamente, chamando-lhes «bestas», «animais» e coisas semelhantes, entre outros os das vezes com palestras sobre a «Legião Vermelha».

João Miranda de Oliveira, mesmo dentro da escola, protestou contra tal conduta desse professor, que encerrou logo a aula para lhe falar manifestando-se os alunos nessa ocasião de forma pouco agradável.

Se o sr. Pinto Ferreira tivesse sabido merce a estima dos seus alunos, pelo interesse que por eles manifesta, não teria agora que deplorar-se uma manifestação de desgosto deles, o que nada de satisfatório representa para educador e educandos.

A família Piranga

Dissémos há dias que os srs. Vitorino Godinho, Maia de Magalhães e Barbosa de Magalhães, que são conhecidos uns dos outros pretendiam três lucrativos lugares: delegação do governo na C. P., o governo de Macau e secretário geral do Banco de Portugal. Os três conhecidos foram monárquicos, tendo aderido à república com o fito de terem a mesa posta. Bastante espertos—os três conhecidos—soubemos ver a tempo que a república se fez para encher até à indigestão—os monárquicos sem convicções e sem carácter.

Um dos conhecidos já tem assegurada a sua nomeação como governador de Macau. Os outros dois ainda têm de esperar alguns dias, mas já têm asseguradas as suas ambições.

E' curioso como o sr. Godinho, que é um dos três conhecidos que para a família as maiores benesses e para outros os sabres e as pistolas da polícia e das deportações para a Guiné. A república é deles, a república são estes repugnantes comilões.

Em que ficamos?

Fizemos há dias eco do desaparecimento de Adolfo Joaquim de Sousa que a polícia há 15 dias prendeu ouvindo o seu destino. A família afilada já percorreu todas as esquadrões suplicando que lhe dissessem se o seu parente é morto ou vivo. Nos hospitais igual suplica foi feita e a resposta seca e brutal é só uma: Não sabemos!

A polícia, por sua vez, indiferente aos rogos da desolada família não responde, nem isso a preocupa. E nós, em face desse mutismo e da angústia dos parentes do preso, ousamos mais uma vez perguntar a quem de direito: onde pára Adolfo Joaquim de Sousa que a polícia prendeu há 15 dias?

Tolerância fascista

ROMA, 20.—A Câmara aprovou por 274 votos contra 42, uma proposta de lei contra os oficiais do exército que não são fascistas.

O governo está na disposição de licenciar todos os oficiais que não concordem com as medidas governamentais—L.

Uma conferência

A convite dum grupo liberal, realizou-se na passada segunda-feira, no Teatro Portalegre uma conferência pelo publicista Armando Luís Rodrigues, sobre «Educação cívica», acorrendo a ela numerosa assistência.—C.

A condenação das deportações

O discurso do dr. José Domingues dos Santos

Gostamos publicamos algumas passagens mais interessantes do discurso que o dr. sr. José Domingues dos Santos proferiu anteontem a propósito das agressões e assassinatos de presos e deportações de operários:

«Os homens da Legião Vermelha que praticaram crimes, ou de tal são acusados, têm de ser julgados. Mas deportá-los só pela informação policial, não! (Apoiados). Afirmando: para a ordem era mais útil que se tivesse organizado processo»

Não chegam as leis existentes? Façam-se leis. Não ha quem condene? Não—senhores!—a cobardia não justifica um atropelo à lei Mas o mais grave é que se praticaram, mais do que atropelos, abusos de atropelos! Foram deportados homens que nada tinham com a Legião. Saltou-se por cima dos próprios tribunais. (Apoiados). Um ha, cujo nome não sei, que praticou um crime, foi julgado, cumpriu a pena e saiu em liberdade. Mas a polícia não achou suficiente a pena cumprida e... deportou-o! Outro, foi julgado, foi absolvido e a polícia achou a sentença injusta e... deportou-o também! Pregunto aos homens da Ordem se a polícia já é superior aos tribunais! O que se fez, o que se está fazendo, o que se anuncia que vai fazer-se, é um atropelo ao poder judicial. Onde está a independência deste poder? Onde estão os pruridos que sempre se erguem da parte da magistratura quando lhe tocam? A magistratura não protesta? Reconhece que a polícia está acima dos tribunais?

Fizeram afixar nas paredes alguns cadastros. Sei que, dentro da polícia, alguns se tiraram rapidamente para aqui rebater as minhas considerações. Mas eles não são argumento contra a causa que defendo. Demais todos sabemos, sabem-nos todos os que frequentam os tribunais, que um cadastro é quasi sempre o resultado da boa ou má vontade de um polícia mais ou menos irado.

O cadastro? Ah senhores! Quantos aqui somos cadastrados. Uma voz—Até o dr. sr. Almeida Ribeiro! Quem é que—continua o orador—não foi já preso por agitar ideias, por defender ideias?

Mas outros casos mais graves eu quero relatar à câmara. Eu tenho a certeza de que se têm espalhado presos! Este bárbaro princípio foi iniciado no dezembro. Contra esse processo nos levantámos todos em grita. Eu já subi os degraus de uma escada esperando me matassem a cada momento. Sei o que foram esses momentos de tortura. Mas isso nada é. A dor suprema, o maior e mais torturante dos sofrimentos é o vermos-nos feitos farrapos, amesquinhados, insultados, agredidos, esbofeteados por beleguins sem respeito pela dignidade de um homem.

Não é a dor física a maior, não! É a dor moral, é a impotência na desforra! Por isso, sempre me diz que nas prisões se bate, sinto frémitos de revolta e indignação e a minha voz não se cala pro-

testando e pedindo o termo de tal infâmia! (Apoiados).

Ninguém acusa o governo de mandar bater. Não faço a injúria de supor qualquer dos homens que ali se senta capaz de tal fazer. Mas eu tenho a convicção absoluta de que se bate. Vi há poucos dias a camisa ensanguentada de um dos presos. Nela ainda se conheciam os vergões do cavalo marinho que lhe retalhara a carne. A mulher—pobre mulher do povo—que ma levou, chorava, chorava convulsivamente, dolorosamente. Não procurava mistificar-me.

Este preso estava na esquadra de Santa Marta. E' necessário que isto termine! (Apoiados de todos os lados).

Não há nada que me faça calar! Enquanto tiver liberdade protestarei e constituí-me-lhe em acusador público contra os que tais vergonhas cometeram!

Ouvi falar em inquérito. Sim, faça-se o inquérito mas por pessoas estranhas à polícia e que mereçam a nossa confiança e do país! Queremos saber quem bate!

Hoje são os que lá estão. Amanhã podemos ser nós!

O orador refere-se depois ao caso Domingos Pereira.

Dizem que era um agitador perigoso, podia ser o maior facinoroso. Por informações seguras, não de uma mas de dezenas de pessoas que o conheciam, sei que era cego. Foi preso, foi morto porque pretendia fugir. Ah senhores! Não nos iludamos! Um cego pretender fugir? O que se praticou foi um crime. Tem de ser averiguado.

O dr. sr. Almeida Ribeiro, interrompendo: «Devo dizer que se deu o caso estranho de o cadáver estar oito dias esperando a autópsia. Ao fim deles era tal o estado de putrefacção que haviam desaparecido os vestígios das balas».

O orador, continuando: «Esta informação é preciosa. Repito: O governo não tem responsabilidade nos espantamentos mas pode vir a tê-las se não quiser averiguar a verdade».

O que é impossível é continuar de braços cruzados à espera que a polícia venha dizer que bateu ou matou.

Quero dizer ao chefe do governo, cuja alma sangra como a minha ao conhecer os factos que aponto! Para honra sua, apure o que se passa. Não nos demorem. Já é tempo. A polícia é a salvaguarda da nossa segurança. O que seria da Democracia no dia em que nos convencessemos que ao atravessar presos os portais do governo civil encontrávamos o azorrague do polícia a vergastar-nos as carnes? Vou terminar. Fiz uma afirmação de coerência e de princípios. Não ataquei. Não acusei o governo. Já disse o que tinha a dizer. Até que estejam esclarecidos os factos, dentro da Câmara, fóra da Câmara e nos tribunais, não me calarei!

Dirigindo-se ao governo, termina: «Senhores! Para honra da República andem depressa! (Muitos e calorosos apoios e cumprimentos).

Opiniões alheias

Um artigo eloquente—A atitude do governo condenada pelo seu órgão na imprensa

E' curioso recolher as opiniões de várias tendências políticas, principalmente a republicana. Recolhemos proposadamente essas opiniões para que os nossos leitores se apercebam da maneira elevada como tratamos deste melindroso assunto das deportações.

Longe de circunscrevermos a discussão deste importante assunto ao nosso critério especial, antes pretendemos demonstrar que as deportações sem julgamento não são apenas um atentado contra os direitos dum classe—a operária—mas uma ofensa ao mais rudimentar espírito de justiça e aos direitos fundamentais.

O *Diário do Povo* de ontem publicava um artigo do sr. A. J. Magalhães, que não é a primeira vez que se insurge contra as medidas arbitrárias do governo. Desse artigo recordamos os trechos que se seguem:

«Ainda no Tejo não desapareceu o sulco aberto pelo último navio fantasma, que carregado de carne humana, levantou ferro com destino ao grande matadouro africano...»

Ainda não deixaram de sangrar dezenas de corações, feridos, de surpresa, para tão violento e traiçoeiro golpe...»

Ainda não secaram em dezenas de olhos magoados, as copiosas e sentidas lágrimas, provocadas por tão brutal crueldade...»

E já se afirma, por aí, que o senhor ministro do Interior, o moderno inquisidor-mor, ordenou aos seus agentes que preparassem uma nova remessa, para seguir, brevemente, o mesmo destino.

Não sabemos se tal afirmativa corresponde, ou não, a um propósito do sr. ministro do Interior. Mas, admitindo a hipó-

tação a umas dezenas de mártires, por terem cometido o único crime de não pensarem como o seu infame carrasco. Vamos, senhor ministro: peça à opinião pública que lhe indique os nomes desses criminosos, porque ela lhe indicará, os dos Transportes Marítimos do Estado, os da Exposição do Rio de Janeiro, os da razão do Lazareto e até—quem tal poderia supor!—o nome de um célebre figurão que, em Paris, fazendo parte do C. E. P. desfalcou o seu país em 240.000 francos!!!

Para a frente pois, senhor ministro do Interior. Mãos à obra; liberte a Nação de todos esses bandidos, atraindo-os pela barra fora. Para esses sim; todo o rigor será pouco.

E' importante observar também a maneira como o próprio «Rebate», órgão do governo, aprecia os actos desse mesmo governo. Através das censuras que se esforça por ser amigáveis, mas não deixam de ser duras e fortes, que o «Rebate» dirige ao sr. Agatão Lanza, reprovando-lhe o infeliz discurso que pronunciou em resposta às palavras justas do dr. José Domingues dos Santos, vê-se claramente a discordância absoluta das deportações que tão mal caíram na opinião pública. Passamos a reproduzir na íntegra essas censuras:

Acabamos de ler o extracto da sessão parlamentar. Na parte do debate político vemos que o dr. sr. José Domingues dos Santos se manifestou contra o governo por motivo das deportações respondendo-lhe o sr. Agatão Lanza, que apoiou todas as deportações e mais algumas, manifestando assim um espírito que fica razoavelmente mal à sua idade, ao seu espírito combativo e à sua generosidade.

Nos temos afirmado que somos contra as prisões realizadas levianamente e as deportações igualmente levianas, as quais, legalmente não podem fazer-se.

Não há lei alguma que permita tal procedimento.

Combate-mos durante muitos anos a lei de 13 de Fevereiro, para que possamos agora defender uma violência ainda maior. Durante o período de dezembrista realizou-se essa violência e nós combatemo-la, como podemos, não o fazendo mais energicamente porque não tínhamos jornal onde escrever.

Nessas condições não podemos agora transigir. Só há castigo depois de julgamento e condenação. A doutrina contrária é absolutamente antagónica com os princípios republicanos.

Não queremos é evidente, a absolvição de criminosos comprovados mas também não queremos, em nome da República, o castigo sem julgamento e a deportação de inocentes.

Isso não.

A República tem de ser absolutamente justa, punindo os criminosos, mas deixando em paz os homens simples que não cometeram crime algum.

O nosso correligionário e amigo Agatão Lanza, a cujas qualidades sempre prestado justiça, é muito moço. Só assim se justifica que, ardendo agora em fúria contra certos elementos — uns maus, outros bons — tivesse pouco antes de 18 de Abril defendido com não menor fúria, no mesmo parlamento, aquele sr. Filomeno da Câmara que nessa altura já preparava um movimento ditatorial que havia de dissolver o parlamento de que o nosso amigo Agatão Lanza faz parte.

Pois entre Filomeno da Câmara e os bombistas — damos a escolha ao Diabo, já que, impenitentes, não a podemos dar a Deus.

Terá o governo, depois da condenação formal da sua atitude, a coragem de manter essas odiosas deportações? Não achará tempo de fazer regressar à metropole essas dezenas de criaturas que condenou barbaramente à morte?

Escola Fonseca Benevides

Realiza-se hoje, pelas 15 horas, uma festa desportiva para comemorar o 8.º aniversário da Liga de Instrução e Educação da Escola Industrial Fonseca Benevides, no campo do Liceu Pedro Nunes.

A festa festa que promete ser brilhante, estão convidados a assistir os aviadores que fizeram a viagem Lisboa-Guiné.

O programa consta de:

Corrida de 100 metros, corrida de ovos, jogo de cadeiras, corrida de sacos e de batatas, luta de tracção à corda, corrida de olhos vendados.

Corrida de 400 metros, jogo de estafetas, corrida de contos, luta de cabeçalhos, corrida de 3 pernas, corrida de sapatos, corrida de obstáculos e jogo da rosa.

Desafio de futebol entre os grupos representativos da Liga e do Liceu de Pedro Nunes para disputa da «Taça Dr. Adriano Castanhira».

ACREDITA:

Tratamento geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só tem um inimigo poderoso

A NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LABORATÓRIOS DA FARMACIA SARMOSINHO

Praca dos Restauradores, 18 LISBOA

Teatro São Luiz

Hoje, estreia da encantadora cançonetista cómica Amália de Isaura, continuando em scena a espirotosa «bluette» CHIC-CHIC.

TEATRO NOVO NO PALACIO TIVOLI

BREVEMENTE REALIZA-SE

AVANT-PREMIERE da peça do escritor PIRANDELLO

UMA VERDADE PARA CADA UM

Encenação de GIL FERREIRA

As perseguições

Liga dos Direitos do Homem

Informações dignas de todo o crédito permitem-nos dar aos nossos leitores a notícia de que a Liga de Defesa dos Direitos do Homem vai promover contra as deportações e os espancamentos de presos um movimento de opinião.

Não nos admira esta desassombrada atitude, sabendo que da Liga dos Direitos do Homem fazem parte individualidades que, embora não compartilhem das nossas ideias, sabem manter com inteligência, coherência e nobre isenção moral os princípios de democracia que professam.

Dessas individualidades destacamos o digno dr. Magalhães de Lima que, ainda há pouco, nas colunas deste jornal condenou as violências praticadas pela policia, pelo ministro do interior e pelo governo, e o sr. Luz de Almeida, republicano e que no tempo da monarquia chefiou a Carbonária e que se afastou enojado da vida politica desta república de assombareiros, de monárquicos e de despotas muito diferente daquela que idealizou e pela qual arriscou a sua liberdade e a sua vida.

Estes democratas dos tempos em que se republicano representava um sacrificio encontram-se, é claro, na mais profunda discordância com o sr. Vitorino Godinho, antigo monárquico feito republicano na hora em que era possível marcar-se um bom lugar no lauto baquete orçamental.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Não cessam as perseguições à classe trabalhadora. Várias demarches nesse sentido efectuadas por este Secretariado, junto de ministros, directores de policia, etc. não tem sido tomadas na devida consideração, apesar de tantos protestos por toda a parte se registar.

Uma prisão

Em casa de seu irmão foi ontem preso às 5 horas da manhã, Júlio da Anunciação que a policia acusou em alguns jornais como um dos implicados no atentado ao comandante da policia. Recolheu a uma esquadra incommunicavel.

Procurou-nos a mãe do deportado João Carreira, descarregador de mar e terra, afirmando que seu filho nunca se preocupou com movimentos politicos ou operários, tendo a sempre amparado em 18 anos de viuvez, e depois mesmo de se ter casado.

Sessão de protesto

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, promovida pela comissão central do Partido Comunista Português, uma sessão de protesto contra as deportações, sem julgamento prévio e contra os assassinatos praticados pela policia.

A sessão que é publica effectua-se na rua Arco Marquês do Alentejo, 30, 2.º.

Sindicato da Construção Civil de Aveiro

Em reunião de assembleia geral foi resolvido enviar um officio ao presidente do ministério protestando contra as deportações de presos sem culpa formada.

Um desmentido sobre o cadastro de Almeida

A falsidade dos cadastros que a policia fez publicar em alguns jornais está suficientemente pulverizada. Só criaturas obtusas podem confiar nas declarações da policia que, para justificar os seus actos, insinua que os deportados possuíam largos cadastros, como se a prisão preventiva podesse considerar-se para efeito de cadastro.

Júlio de Almeida, um dos deportados para a Guiné foi também acusado pela policia de ter um largo cadastro.

O Sindicato Mobiliário de Lisboa onde é sindicado, resolveu apurar o que há de verdade sobre o seu cadastro, junto das entidades competentes. Do resultado do seu inquérito enviou uma cópia ao Secretariado Nacional de Assistência Jurídica, a qual por resolução deste nos foi sugerida a conveniência da sua publicação.

Por ele poderá o leitor avaliar o «temível» legionário que é Júlio de Almeida e ajuizar dos cadastros dos outros deportados, cujas famílias deviam proceder de igual forma a do Sindicato Mobiliário. Passemos, pois, a reproduzir o officio referido:

Presados camaradas.—Em reunião dos corpos gerentes deste organismo foi resolvido officiar a esse Secretariado a fim de que o mesmo no momento propicio possa fazer o desmentido à acusação torpe que fez a imprensa burguesa a Júlio de Almeida, sobre o seu cadastro, devendo começar pelas informações que a tal respeito colhemos sobre as prisões daquele operário.

1.—Foi derivado a uma agressão a outro individuo por uma questão de ciúmes;

2.—Por delicto de imprensa; Pagou termo de fiança obtendo a liberdade;

3.—Novamente preso pelo mesmo delicto, alegou-se na Boa-Hora que o termo não era o suficiente; Foi necessário um fiador de 600\$00;

4.—Acusado por bombista quando das prisões em massa, evadindo-se nessa altura de São Julião da Barra; Apresentando-se no governo civil foi posto em liberdade por não haver motivo para a sua detenção;

5.—Pelo mesmo motivo foi preso e enviado para a Trafaria; Remetido a Juízo, foi novamente posto em liberdade por falta de prova;

6.—E' a de agora e que todos conhecem o destino que lhe deram. Porque não diz com as acusações que a policia lhe faz convém notar que acusação de bombista não foi provada como acima se verifica.

Sem outro assunto, aceitam as nossas saudações sindicistas.—Carlos Gil.—Secretário geral interino.

A'lerta, inquilinos!

Na ausência do inquilino um hóspede, por um ardid repugnante, toma de arrendamento a casa que habitavam

O caso que vamos relatar e que nos foi ontem contado nesta redacção parece à primeira vista inverosímil se nos abstrahmos que a ambição e a sede de dinheiro embotam de tal forma o caracter, que produzem abortos morais como a triste personagem de agora.

O prédio n.º 7 da rua das Gaivotas é pertença dum cavalheiro chamado Augusto Ferreira Tavares que alugou um dos andares à sr.ª Bela Ferreira, esposa dum empregado telegrapho-postal. Por razões especiais aquele inquilino alugou ácerca dum ano uma das dependências a um tal António Dionísio. Desde há tempos que o hóspede vem manifestando visíveis desejos de se apoderar da casa sem que o tivesse conseguido, por as rendas estarem em dia e a sr.ª Bela possuir o arrendamento respectivo. De cogitação em cogitação o Dionísio jurou que havia de conseguir os seus propósitos através insuperáveis obstáculos. Legalmente estava-lhe vedado conseguir-lo, mas o que a lei não consegue, alcança-o a burla.

De convivência com o senhorio, segundo ainda nos diz o nosso informador, o hóspede, na Boa-Hora de tal forma se houve que convenceu dois officiaes de deligências a apparecerem na rua das Gaivotas há dias, na occasião em que o autêntico inquilino não estava em casa. E quer saber o leitor o que este mostroste praticou? Nem mais nem menos do que o seguinte:

Tendo preparado um terceiro que appareceu á hora conveniada o malandro para se apoderar da casa affixou escritos na mesma, isto sem conhecimento do inquilino que não estava em casa, como já foi dito.

Uma vez a casa por alugar, testemunhada pelos dois beileguins, a terceira pessoa que era um cavalheiro do mesmo estofmo morou do hóspede Dionísio, estabeleceu as bases de aluguer com o hóspede que se apresentou emissário do senhorio. E por este processo a casa passou para as mãos do já referido terceiro, que possivelmente é um dos muitos burlões a quem a ambiguidade da lei do inquilinato muito aproveita, enquanto o autêntico e legítimo arrendatário terá que vir para a rua indevidamente.

Esta triste scena prestava-se para um largo comentário sobre o repugnante papel dos representantes da justiça, o abuso de confiança do hóspede e o vigerismo do alugador da casa. Mas para que serve a severidade dos nossos protestos se a materialidade da vida provoca estes dionísios miseráveis e repugnantes!

Todavia não deixaremos de levantar daqui a lebre, prevenindo os inquilinos que se acatelem com estes dionísios, que se preservem destes senhorios que alimentam aqueles abortos a quem a situação do seu semelhante é insignificancia que se não vê.

O encalhe do vapor «Waimate»

A bordo do aviso «5 de Outubro», chegou ontem ao Tejo, sendo depois transportado num auto da Cruz Vermelha ao Hospital de S. José, onde recolheu ao quarto particular n.º 1, Bertolotto Giacómo, de 50 anos, natural de Italia, comandante do vapor italiano «Waimate» que, como noticiámos, foi encontrado por aquêle «aviso» encalhado a N.E. de Cabo de S. Vicente, achando-se o seu commandante gravemente queimado pelo corpo em virtude da explosão de um foguetão de pedir socorro, que rebentou a bordo.

Economia de 30 a 40 %

Comprando as fazendas a SILVA & C.ª — COVILHÃ

AGREMIações VARIAS

Sociedade Protectora dos Animais

—A direcção roga a todos os seus associados que não tenham satisfeito ainda a cobrança da gerência de 1922-25, o favor de o fazer até 30 do corrente, afim de se proceder ao fecho de contas.

Casa Pia Atlético Club.—Para comemorar mais um aniversário da sua fundação, que coincide com o da Casa Pia de Lisboa, estão-se organizando grandes festas com o concurso da Casa Pia de Lisboa e do Casa Pia Atlético Club.

Haverá sessões solenes, exposição de trabalhos escolares, conferencias, final da Taça Belém, homenagem á memória do dr. Aurelio da Costa Ferreira, visita dos ex-alunos á Casa Pia, etc. Oportunamente se publicará o programa definitivo das festas.

USEM FABRICAÇÃO PRIVILEGIADA em Portugal

SABÃO X

Em pasta para lavagens com ou sem água

Limpa instantaneamente

Cristais, Louças, Espelhos—Paredes e as mãos mesmo sujas de tintas, óleos, gorduras, vernizes, etc.

BOM, ECONOMICO, PRATICO

LIQUEFEITO E PERFUMADO PARA LIMPEZA DE METAIS E TALHERES

PRODUTO FABRICADO EM PORTUGAL E SUPERIOR AOS MELHORES ESTRANGEIROS

Á venda em todas as boas drogarias e casas do género

DEPOSITARIOS GERAIS: Comptoir Commercial Portugais Lt.ª

Rocio 93, 2.º

TELEF. N. 4829

ACEITAM-SE AGENTES NA PROVINCIA

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Cine-Esperança

Realiza-se hoje uma festa de homenagem ao cultivador da canção nacional José Júlio, constando do programa: canção nacional por numerosos cultivadores e variações á guitarra e viola.

Festas artísticas

E' amanhã que, no Maria Vitória, realiza a sua festa o popularíssimo actor Santos Carvalho, apresentando os dois espectáculos grandes atrações e surpresas. O festejado fará uma conferencia da sua autobiographia intitulada «Como se fabrica uma revista», a qual, ao que nos afirmam, é uma verdadeira fábrica de gargalhadas.

OS QUE MORREM

Maria Augusta da Conceição

Faleceu ontem, depois duma operação, a operária da Fábrica de Fósforos Maria Augusta da Conceição, sogra do militante da Construção Civil, Francisco Espanhol. O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, saindo do hospital de São José para o cemitério do Alto de São João.

O Grupo Dramático Solidariedade Operária convida os seus componentes a incorporarem-se no funeral.

Os rendimentos dos operários

Num auto da Cruz Vermelha, foi transportado ao Hospital de S. José, onde depois de pensado no Banco, recolheu á enfermaria de S. Sebastião, João Gomes Pinto, de 48 anos, marítimo, natural de Ovar e residente nas Escadilhas de Santo Estevam, 10, ric, que, em Xabregas, caiu da muralha ao rio, ficando com as costelas fracturadas.

—A enfermaria de S. Francisco, recolheu Antonio Joaquim, de 45 anos, trabalhador, natural e residente em Vila Faeia, freguesia de Ramalhal, concelho de Torres Vedras, e que, ali numa propriedade de João Borges, quando preparava um tiro de pólvora numa pedreira que ali traz em exploração, aquele explodiu inesperadamente, sendo o Joaquim atingido no rosto e braços por vários fragmentos de pedra.

—Na enfermaria de Santo António, do Hospital de S. José, deu entrada, Alberto Pereira Duarte, de 22 anos, trabalhador, calçada dos Barbadinhos, 136, que, na fabrica de chumbo existente na mesma calçada, caiu a um poço, sendo nessa occasião atingido por uma porção de chumbo que o queimou pelo rosto e pescoço.

—Depois de pensado no posto da Cruz Vermelha do Calvario, recolheu á Sala de Observações do Hospital de S. José, Carlos Monteiro Lopes, de 22 anos, marítimo, natural de Cabo Verde, morador no Bairro Novo á Lapa, J. M. J., 4.º, que, na doca de Alcantara, foi colhido por uma baleeira, ficando com várias contusões no ventre e costas.

A questão da pesca

O ministro da Marinha, tendo reconhecido o grande prejuizo que os barcos de pesca nacionais têm sofrido com a vinda dos barcos estrangeiros vender peixe nos nossos mercados, vai publicar um decreto determinando que, a partir da publicação deste decreto, fique sem efeito a prorrogação da concessão aos vapores estrangeiros de pesca para o abastecimento dos mercados do país.

Sociedades de recreio

Concentração 24 de Agosto—Hoje, «matinée» com «Jaz-Band» e ás 21 horas, baile.

Suplemento semanal ilustrado de «A Batalha»

Encontra-se já á venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa em percalina ilustrada a cores, por Alonzo, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinária, litterária e artística.

O seu preço é: 1 volume com 420 páginas, 45\$00.

Encadernação (por capas e índice), 20\$00.

Pedidos de collecções, ou envio destas para encadernação, á administração de A Batalha

DESPORTOS

FUTEBOL

Campeonato de Portugal

Realizam-se hoje as meias finais para classificação dos dois finalistas, que disputarão em última o titulo de campeão de Portugal. No norte, effectiva-se o Pórtos-Espinho; no Campo Grande, ás 18 horas, encontram-se o Sporting Club de Portugal e o Sporting Club Olhanense.

Festa Desportiva

Provoada pelas Associações Escolares das Escolas Comerciais de Veiga Beirão e Ferreira Borges, realiza-se hoje, pelas 17 horas, no Campo do Império Lisboa Club, em Palhavã, uma interessante festa desportiva, que constará de corridas de 100, 200 e 1.500 metros e estafetas 3X100, sendo distribuidos prémios aos primeiros classificados, e dum desafio de futebol entre os «teams» representativos das mesmas Associações Escolares, no qual será disputada a taça «9 de Junho».

Subida da Calçada da Glória

O Conselho Director da União Velocipédica Portuguesa resolveu adiar esta grande prova para o dia 4 de Outubro, pela occasião do aniversário da implantação da República, pelo motivo da calçada andar em reparação no pavimento.

Jogos de preparação olimpica nacional

Inauguram-se hoje, por um grande sarau no Coliseu dos Recreios, os jogos de preparação olimpica, levados a efeito pelo jornal «O Século», e sob o «contrôle» do Comité Olimpico Português e Federações dos respectivos desportos. Na festa de hoje vai o público de Lisboa ter occasião de assistir á apresentação da mais completa companhia de circo formada exclusivamente por amadores que existem em todo o mundo.

Mais de uma centena de sportmen do benemérito Sport Club do Pórtos, vão na pista do Coliseu, na noite de hoje, apresentar os mais sensacionais trabalhos de circo, incluindo números de alta gymnastica atlética, excêntricos e até «clowns».

O festival começa ás 21,15.

Os futebolistas italianos partiram para Madrid

Partiram ontem, no rápido da manhã, para Madrid os elementos que compõem a «equipe» de futebol italiana que a Lisboa veio encontrar-se com uma selecção portuguesa.

NA ITALIA

Gabriel d'Annunzio acusado de escamoteador de fortunas

Toda a gente sabe que o poeta d'Annunzio, com a sua «epopeia» de Fiume, preparou o terreno para que se desenvolvesse o nacionalismo fascista na Italia.

Agora acaba de se descobrir, que este poeta, semelhante aos seus confrades, não se contenta só em viver de rimas, mas que também presta especial attenção ás questões materiais. Por processos pouco dignos sabe-se que escamoteou a M.me Karin Michailis, uma rica viúva e todo o seu conteúdo.

Como se vê os «super-patriotas» sabem sempre arranjar negócios rendosos.

«A BATALHA» No Funchal vende-se no Bureau de La Presse.

Malas postais

Pelo paquete «Funchal», da Empresa Insulana de Navegação, são amanhã, 22, expedidas malas postais para Pórtos Santo, Madeira e Arquipélago dos Açores, sendo da caixa geral a última tiragem de correspondência registada até ás 18 horas de hoje e das ordinárias até ás 7 horas de amanhã.

A PRESTAÇÕES

Fatos e Sobretudos no rigor da moda — RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 33, 2.º

O São João no Mercado 31 de Janeiro

O vereador sr. Alexandre Ferreira, teve conhecimento de que na véspera e no dia de São João, devem prosseguir os festejos populares no Mercado 31 de Janeiro, anexo ao Matadouro Municipal, havendo illuminações, descantes e outras diversões, abrihantadas pela Philarmónica do Barreiro, sendo a receita proveniente das entradas no recinto, destinadas á assistência infantil da Câmara Municipal.

Teatro Novo

Brevemente, reaparição do actor Carlos de Oliveira, que interpreta, na peça UMA VERDADE PARA CADA UM, um dos primaciaes papeis conjuntamente com Gil Ferreira.

«A Batalha» na provincia e arredores

Moscavide

Edifício escolar

MOSCAVIDE, 20.—Está em vias de conclusão a magnifica casa da escola da Cooperativa de Crédito e Consumo Moscovidense, á qual prestou o mais desinteressado concurso o operariado desta localidade.

A fim de angariar donativos para a obtenção do material escolar, reúne amanhã, pelas 16 horas, a comissão de festas, constituída pelos srs. Inocêncio Pinto, João Martins Monge, Quirino da Silva, José Augusto Barros Inglês, António Gonçalves da Silva, João Nascimento, Jorge Pedro Coelho, David Salsa, Joaquim Mendes, Adriano da Silva e Adelino Sampaio.

Portimão

Um mestre de obras endiabrado

PORTIMÃO, 17.—Volta novamente o sr. José Dinis o célebre mestre de obras da Câmara Municipal desta cidade a fazer das suas costumadas proezas.

Este sr. além de ser mestre de obras da Câmara, toma também obras por sua conta e para essas obras recebeu há dias um carregamento de telha, sendo este material descarregado por individuos estranhos ao serviço, pelo que um estivador que presenciou o facto, criticou este procedimento, dizendo-lhe entre outras coisas que talvez já se tivesse servido dos homens que trabalham na Câmara, para fazer serviço.

Mas o sr. José Dinis é que não gostou da insinuação e servindo-se do sargento da G. N. R.—seu íntimo amigo e companheiro de taberna pois que é publico e notório andarem sempre a beber juntos «ordenou» a prisão do estivador «delinquentes». Perguntamos:

Em que código se baseou o sargento da G. N. R. para effectuar essa prisão? Se de facto houve da parte do estivador, merecia este prisão imediata? Crêmos que não, e isto mesmo o afirma o próprio delegado do governo, que a pesar de também ser muito amigo do sr. José Dinis disse não haver razão para tal procedimento á face da lei. Se melindrado se considerava, que apresentasse queixa em juizo e não «ordenasse» semelhante vilania.

Vê-se claramente que estamos num regime em que qualquer berra-botas prende ou manda prender sem motivos sufficientemente justificados procurando-se fazer já o mesmo aqui que o que se está fazendo em Lisboa.

Vendas Novas

O tempo e a agricultura

VENDAS NOVAS, 17.—Têm passado por esta região nestes últimos dias, algumas trovoadas não havendo felizmente prejuizos de maior a lamentar. As suas águas têm beneficiado os campos e em especial as searas de milho e pomares, que prometem uma boa colheita.

As searas de prugana que estão agora sendo ceifadas, também estão boas, nomeadamente os trigos que na sua maioria prometem uma produção superior a vinte seantes, segundo o cálculo de alguns agricultores.—C.

Moscavide

Desumanidade.—Falecimento

MOSCAVIDE, 18.—Precipitando-se há dias sob o «tramway» que pela uma hora da manhã passa em Moscovide, Luzia dos Oliveira, 34, moradora na rua Nova dos Oliveira, esteve o seu cadáver exposto todo o dia a um sol ardente, só sendo retirado pelas nove horas da noite, com os protestos de tróda a gente de coração pelo desleixo e ausência de sentimentos das autoridades competentes.

—Foi hoje sepultada no cemitério dos Oliveira, a menina Zulmira Duarte, de 6 anos, filha da sr.ª D. Josefina Duarte e António Antunes Duarte, vereador da Câmara de Loures. No préstito fúnebre incorporou-se a escola da Cooperativa Moscovidense.

Portalegre

Uma manifestação fúnebre

PORTALEGRE, 19.—Revestiram grande imponencia as manifestações de homenagem ao falecido médico, dr. Alves de Sousa.

Realizaram-se um cortejo á sepultura do extinto e a inauguração de um monumento no jardim público.

Na inauguração do monumento usou da palavra José Marques Lemos, em nome da classe operária, o que constituiu um abuso, pois ninguém lhe confiou esse encargo, e não tem sido nada simpático o seu procedimento para com aqueles que disse representar.

Santarém

No Grémio Recreativo Operário

SANTAREM, 19.—Reuniu a assembleia geral deste grémio; tendo nomeado um vogal para substituir um demissionário, a eleição recaiu em Manuel Ferreira. Também foi ventilada a possibilidade de transformação do Grémio em Associação de Classe de Construção Civil e Artes Correlativas; discutiu-se uma moção para tal fim apresentada, em que era incumbida a direcção de realizar todas as demarches que entender indispensáveis para conseguir tal desideratum, podendo agregar a si os elementos que para isso reputa indispensáveis. Finalmente appreciou-se o alvitre da criação duma Caixa de Socorros Mútuos, ficando para outra assembleia a sua discussão.—C

VIDA ANARQUISTA

Grupo Germinal—Reúne amanhã, pelas 19 horas.

Grupo Terra Livre.—Reúne hoje, pelas 21 horas em ponto.



CARTA DO PORTO

E viva a pândega!

Entretanto a classe operária sofre as piores misérias e e suporta a mais degradante das explorações

Tôdas as grandes actividades que se notam actualmente na cidade são concernentes aos festejos, que principiam no domingo e terminam de terça-feira a oito dias.

As conversas predominantes são: festas, festas, festas... É uma desinertia de festas em todos os recantos do Porto que nos vai deixar na estaca.

Realmente há fortes motivos para ninguém pensar noutra coisa. O povo tripeiro, que tem tanto de pândega como de hospitalidade, não quer desmanchar a sua fama tradicionalista: prepara-se activamente para receber, com galhardos descanes, *nuestros hermanos*, que vêm por aí abaixo em forasteira visita.

É que a Comissão Central do grande brocho cidadão enviou para as «catriniças» terras de Espanha uma enorme profusão de cartas na língua de Cervantes, fazendo estrondoso reclame ao pagode invicto. O cartaz é tão interessante que nos fez lembrar aquele galego que, tendo ido a Lisboa e lido um cartaz de teatro de São Carlos que anunciava um benefício destinado à Casa Pia, foi depois dizer para a sua terra: «No teatro de São Carlu deu-se um espectáculo a favor da Caspiá» admirando-se que em Portugal até se dessem réditas em socorro dos coelhos...

O cartaz, muito curioso, declara abolidas as fronteiras: todos os estrangeiros e automóveis podem entrar livremente. Mas assusta-os logo com a nova de que haverá cinco mil granadas de fogo aquático, para os conter em respeito delirante...

E para se demonstrar que não limpamos... nenhuma porcaria a nenhum cão, faz-se a relumbante prevenção de que «duas mil barriças de alcatraz reproduzirão a visão do incêndio de Roma»...

Isto é de rimar, mas é assim mesmo... De facto, é impressionante o confronto histórico: estamos, de verdade, às portas da Roma orgânica, decaída, imoral, ladra e mais adjectivos da decadência romana.

Tudo o que se está a ver, reclama urgentemente, não só o neriano incêndio que calcine toda a podridão capitalista, mas cinco milhões de «granadas», não aquáticas, mas síderias, que reduzam tudo isto a cinzas—uma reprodução de Pompeia ao lado da de Roma...

E o cartaz termina, depois de enumerar os jogos desportivos, os desafios de *foot-ball*, serenatas, etc.: *A Oportuno! A Oportuno!*—como poderia dizer: *A los toros! A los toros!*, porque tudo isto é uma tourada de inconsciência, de bestialidade, de doidice pavorosa...

A Câmara Municipal também vai tendo as suas prodigalidades para os festejos. «Três-gentimento», lá vai conseguindo verba para fazer as suas ofertas destinadas à paródia colossal.

Para estes esbanjamentos de esfusante boémia, aparece sempre dinheiro. O que é não é capaz de aparecer é para concluir as obras dos seus bairros, fechando o resto das ruas transversais.

Aqui há tempos, o Município resolveu fechar aquelas ruas, mas com esta condição: à custa dos inquilinos dos bairros—que continuam a ser para os funcionários municipais em vez de para operários—pagando além da renda, mais 20\$000...

Mercê da imposição «mussoliniana» da Câmara, os inquilinos renderam-se à evidência. Mas não assim: faliu, ficando o trabalho em meio...

No entanto, diz-se que a Câmara vai expropriar o antigo palácio dos Carrancos, para cuja compra já pôde amealhar uma verba de 300 contos, embora o citado palácio tivesse custado 37 contos...

Ora lá está: não há um centavo para umas coisas, mas há milhões de réis para outras. Verdade se diga que há a desculpa de que o palácio é para ser oferecido à Escola Médica, para o hospital da Maternidade. Já que o Estado, a quem mais directamente lhe compete, não tem essa oficial amabilidade: fã-lo o município.

Não «deslouvamos» essa atitude; mas, com os diabos, olhe-se ao resto, não se desbaratem quantias em pândegas escusadas e trate-se mais a sério da limpeza, do asseio, da estética, da iluminação da cidade.

Mas enfim, estamos em festas rijas: toca a rir, toca a folgar, diim, diim, diom, diom.

A classe dos operários corticeiros está-se a arrastar numa crise pavorosa. De 1.000 operários de ambos os sexos que trabalhavam, só uns cem estão ao serviço, ainda mesmo assim incompleto: falta a cortiça, dizem os industriais.

A pesar, porém, desses cem operários verem a miséria horrorosa a que a sua classe está deitada, vêem a crise a que está sujeita talvez por alguns meses, têm uma estúpida crassa de trabalhar as dez horas—para daí por algumas semanas virem também para a rua...

E todavia, sabe-se que se a classe dos corticeiros cumprisse fielmente o regime das oito horas, a duração do trabalho geral prolongar-se-ia, pelo menos até a mais de dois meses. Afirma-o um militante da classe reconhece-o, agora, muitos dos atirados para a *chaméa*, muitos daqueles que apelidavam de *fidalgo*, aos que—bem poucos, por sinal—só estavam nas fábricas às oito horas normais.

«Agora torcem a orelha, agora já apresentam os horrores duma maior miséria que vão passar.

Mas nada de arrelhas: «Viva a polícia! Olha o balão, olha o balãozinho.

É muito notório que na Real Companhia Vinícola de Vila Nova de Gaia, se exerce uma exploração inaudita, que sobre os homens, quer sobre as mulheres. Ordenados reles e opressão infamíssima, além das imoralidades revoltantes.

Pois nesta reacção a companhia está, como director dos armazéns, um tal Francisco Pinto Moreira, que fôra, em tempo, expulso das Minas de São Pedro da Cova e da Companhia do Gás de Lisboa.

Ora, segundo informações recebidas, este

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Terceira sessão, em 21 de março

Poder-se-iam multiplicar os exemplos, mas esses dois bastam para mostrar até que ponto a ajuda material se tornou um factor internacional nas lutas das organizações sindicais. Os comunistas compreenderam bem e a I. T. S. R. que carece de organizações, compensa essa lacuna, com envios de somas (dadas pelo governo russo) aos países onde se dão graves acontecimentos—greves, lock-outs, prisões de militantes, etc.

Não bom número de organizações sindicais revolucionárias, a questão da ajuda e da solidariedade mútua, apenas estava baseada no sentimento. Apenas admitiam a solidariedade impulsiva, à que responde de tempos a tempos ao apelo das vítimas. Mas a experiência deveria ter-nos ensinado que também há outra forma de solidariedade—de mais importante como essa e, visto a velocidade com que se dão os acontecimentos, mais séria e mais fundamental: é a solidariedade preventiva, a solidariedade sistematizada.

Lembramo-nos do tempo em que a cotização era olhada de través e considerada como um compromisso com o espírito de disciplina. Foi necessário que todas as organizações introduzissem esse sistema se não queriam permanecer simples círculos de estudo, pequenos grupos ideológicos fechados às grandes massas.

Sem tocar no papel das cotizações na vida dos sindicatos, seria muito fácil demonstrar que sem as cotizações, a A. I. T. não teria podido viver o só dia. É interessante notar que as organizações filiadas na A. I. T. que deixam a questão de cotização de solidariedade ao acaso, nada ou quase nada têm feito para suprir os gastos que implica uma organização internacional.

A responsabilidade moral é, certamente, uma bela coisa cuja importância nunca poderá ser desdenhada—liga os homens embebidos da mesma ideia mas a responsabilidade moral só por si, não basta para publicar um folheto ou um periódico, para pagar a defesa nos processos, para ajudar os presos, para cobrir os gastos de viagens, inevitáveis, frequentes e necessárias. A essa responsabilidade deve juntar-se a responsabilidade prática, activa, concreta. Vive-mos num período de grande crise, de perseguições em massa, de sistemas ditatoriais que anulam com um só golpe grandes movimentos, etc. Enviar em cada ocasião apêlos aos quatro cantos do mundo e esperar as respostas é criminoso em consideração aos que lutam, além disso quando se repetem com frequência, as manifestações perdem o seu valor. Um pássaro no mal vale mais que dois a voar. A A. I. T. deve estar disposta a poder responder ao menor sinal. Por isso a educação sistematizada da solidariedade, é urgente e deve ser empreendida por cada organização aderente. A solidariedade internacional deve converter-se num dever e numa responsabilidade.

Outra consideração pela qual a solidariedade impulsiva é insuficiente e quase sempre ineficaz é o afastamento considerável de muitos países do centro da crise. Certamente a sistematização da solidariedade não resolve completamente o problema, mas pelo menos, a primeira ajuda

grande cavalheiro resolveu brincar com o pessoal seu subordinado, humilhando-o ao último ponto.

Assim, tomou a cínica, a inquisitorial deliberação de nem deixar os trabalhadores descançados à própria e escassa hora da refeição. Metendo-lhe inveja as frugalíssimas cozes do caldo que ingerem, obriga os desgraçados a deglutirem a comida às vezes a ferver, para que, na sua hora, vão imediatamente trabalhar. E não lhe mete na fôlha de férias nem mais um minuto: trabalha aquele tempo de boria.

Há também o capitão Cerqueira, da guarda-fiscal. Este senhor apresenta-se perfeitamente fardado—o que não é admissível em casas de trabalho—e ajuda igualmente à miséria das tiranias. Julgando-se em plena caserna, esquecendo-se de que ali é um empregado civil e não um funcionário militar, rala, atropela, castiga, persegue—impondo a sua farda e a sua qualidade de empregado superior.

E uma patifaria, um abuso, mas os trabalhadores muito covadamente se sujeitam a todas as tropelias e a todas as explorações.

Onde eles vão ser valentes homens, é nas festas da cidade, dançando e cantando o—*Paparoca*.

C. V. S.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

A questão dos foros

Este Secretariado aguarda que o ministro da Justiça resolva de vez tão violenta injustiça que se está praticando contra a classe rural que é a que presentemente mais sofre com a lei dos foros.

Não descurará este assunto, este organismo, enquanto não for aclarada a lei, conforme por várias vezes tem sido prometido a esta comissão que há bastante tempo vem de reclamar e apresentou os seus pontos de vista.

Foram tomadas devidas considerações alguns officios de vários sindicatos; protestando contra falsos cadastros de alguns operários indevidamente e arbitrariamente remetidos para a Guiné.

CONSULTAS NO PORTO

Hoje, às 14.30 horas, o dr. Campos Lima, na sede da U. S. O. do Porto, dá as suas costumadas consultas jurídicas a todos os operários confederados que apresentarem a sua caderneta em dia.

FATOS Feitos por medida a 26\$000 em — boas casimiras —

ALFAIATARIA DIAS 84 — RUA D. PEDRO V — 39

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edição SPARTACUS Preço 6\$00

será sempre a tempo e dará a possibilidade de poder esperar a chegada de novos reforços.

Ainda dando o primeiro lugar à solidariedade internacional e à urgência para a A. I. T. em sistematizar o apoio solidário, material, moral e prático do sindicalismo revolucionário internacional, não se deve esquecer tam pouco o trabalho de propaganda das ideias do sindicalismo revolucionário no seio das massas operárias. Como se pôde ver pelo relatório do secretariado, esse trabalho de propaganda foi muito restringido durante os dois anos que se seguiram à criação da A. S. T.

As lacunas são imensas, tanto sob o ponto de vista da propaganda oral como da propaganda escrita da A. I. T. As cotizações estabelecidas nos estatutos foram insuficientes e muito irregulares; algumas organizações não possuem um sistema regular de cotizações. Todos esses defeitos recaem sobre a actividade da A. I. T. como organismo internacional de propaganda.

Sem uma propaganda internacional bem organizada, antes de uma acção internacional, a A. I. T. não tem razão de ser. O movimento sindicalista revolucionário não necessita de um laço internacional somente por causa dos lindos olhos de um secretário. Esse laço converteu-se numa necessidade vital para a propaganda revolucionária. O capitalismo, as finanças, a opressão política, a ditadura—tudo se internacionaliza para sufocar a classe operária.

Se esta não quer tornar a voltar para a escravidão política e económica que lhe prepara a união do capitalismo e da ditadura, deve reforçar a sua potência internacional. As organizações sindicais revolucionárias de cada país devem considerar a propaganda internacional como um ramo da sua própria actividade. Um organismo internacional que não é capaz de desenvolver uma intensa propaganda, pela palavra e por escrito, está condenado a perecer tarde ou cedo.

Apresenta a seguinte moção:

1) que cada membro de uma organização aderente à A. I. T. pague uma cotização anual de 10 centimos do dólar ou o equivalente em valor corrente no país respectivo, à caixa da A. I. T.

2) que a dita cotização será recolhida por cada central nacional por intermédio dos seus sindicatos locais.

3) que cada central nacional publicará um selo especial que autentique o pagamento dessa cotização internacional e que será colocado no «cartão» sindical no momento da renovação anual do mesmo.

Nota.—Nos casos em que os «cartões» tenham sido entregues antes da recepção do selo internacional, os secretários dos sindicatos locais têm por dever «obter a cotização internacional no próximo pagamento de cotização sindical».

4) A central nacional enviará todos os meses, se for possível, mas não menos de uma vez por trimestre, as somas assim recolhidas para a A. I. T.

5) Das somas entregues à A. I. T., um terço será o fundo internacional de solidariedade e dois terços irão para a caixa do secretariado para fundos de propaganda.

(Continúa)

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

Bolsa de Trabalho e Solidariedade da Construção Civil

O delegado deste organismo, juntamente com os delegados do S. U. C. Civil e do Conselho Técnico, entrevistaram ontem o ministro da Marinha sobre a admissão de operários nas obras do novo arsenal, no Alentejo, em virtude da crise que atravessam os operários da indústria.

O ministro respondeu que já há tempo fora entrevistado por uma comissão, e que, tendo falado com os restantes ministros sobre o assunto, lhe tinham feito ver não haver verba que permitisse admitir mais operários; no entanto tratara de novo do assunto, não só junto dos seus colegas, como no parlamento, ficando assente que a comissão procurará o ministro das Finanças e outras entidades que o possam resolver.

A comissão foi depois junto do ministro do Trabalho protestar contra a forma por que é desrespeitado o horário de trabalho pelos delegados do governo em algumas localidades do país, entre elas Chaves, Reguengos de Monsaraz e Lamego, respondendo o ministro que ia imediatamente tratar do assunto.

Também o ministro do Comércio e o administrador dos Edifícios Públicos foram entrevistados sobre o aumento de salário para os operários das obras do Estado, de conformidade com as resoluções da última assembleia geral do S. U. C. Civil.

Fazendas para fatos e vestidos

Peçam amostras a SILVA & C. — Covilhã

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 9 desta revista intitulada «El Cacique», de F. Barthe. — Preço: \$50. — Pedidos à administração de A. Batalha.

ACABA DE APARECER:

Revolução em Portugal

Comunista? Socialista? Libertária? Sindicalista? — Coligação das esquerdas — A transformação da República.

Por CAMPOS LIMA

Edição SPARTACUS Preço 6\$00

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Em torno do Congresso da Federação da Construção Civil Francesa

Interessantes declarações de dois categorizados militantes sindicalistas

A pesar de todas as manobras divisionistas, a velha Federação da Construção Civil manteve-se de pé, ainda que enfraquecida, activa do seu passado, e confiando no futuro do seu ideal.

Todas as armas desonestas foram empregadas contra os militantes federais, e sobretudo contra a sua acção exclusivamente sindicalista-revolucionária.

As consequências destas desastrosas campanhas, enfraqueceram não somente a Federação da Construção Civil, mas também o sindicalismo em geral.

No Congresso de Lión, que se vai realizar de 18 a 20 de junho de 1925, na nossa opinião, o Conselho Federal e a sua Comissão Executiva, podem-se apresentar de cabeça erguida; eles defenderam dignamente, na actual tormenta, o caracter especial do *sindicalismo federalista*, contra todos os desvios donde quer que eles venham.

O Congresso de Lión promete debates movimentados, sobretudo sobre a questão de Unidade.

Sobre este assunto, é mais do que certo que se produzirão controversias acaloradas, porque muitos pontos de vista se têm desenvolvido nos sindicatos, compondo a nossa Federação.

Sem querer examinar as diferentes propostas que virão à discussão no Congresso, porque consideramos o Congresso como soberano, nós temos um ponto de vista sobre esta palpitante questão de Unidade, e consideramos útil explicar-nos antes do X Congresso federal nacional de Lión.

Quando triturada e caluniada, a velha Federação da Construção Civil foi obrigada a refugiar-se na autonomia provisória para se subtrair às influências políticas, a fim de salvaguardar a sua linha de conduta sindicalista, e tentar salvar o sindicalismo do naufrágio, este acto foi aplaudido dum lado, e foi censurado doutro.

Por nossa parte nós aplaudimos este acto viril, e sustentamos com todas as nossas forças esta decisão audaciosa, porque pensávamos que, colocada fora de Amsterdão e de Moscova, fora da velha C. G. T. e da C. G. T. Unitária, teria sido possível ter-se uma Federação da Construção Civil, forte e poderosa.

Esta posição provisória permitia deixar de lado todas as causas de divisões estereis e fazia-nos esperar um renascimento completo do sindicalismo.

Enganamo-nos? Por enquanto não o julgamos. A situação continua a mesma, a C. G. T. e a C. G. T. U. mantêm as suas posições de colaboração de classes e de desvios sindicais.

Reentrar numa ou noutra C. G. T. na hora actual não prova que nós recuperamos a nossa situação e ainda menos que faremos um acto de Unidade operária.

O nosso ponto de vista claro, exprime-o a Construção Civil do Sena muito bem na sua moção aprovada para o Congresso de Lión:

«Esperando a fusão das duas C. G. T., a Federação deve conservar a sua autonomia federal nacional».

Com ou sem razão, mas certamente com razão, nós desejamos ardentemente que este ponto de vista una a maioria dos congressistas.

No caso contrário, o tempo e os acontecimentos se encarregarão inevitavelmente de justificar os nossos dizeres e as nossas afirmações. Por nós, esperamos que o Congresso de Lión dará excelentes resultados sindicais, e esperamos mesmo que será o ponto de partida duma acção, duma agitação nova, porque é impossível que os trabalhadores da Construção Civil e dos Trabalhos Públicos da França não acabem por retomar o seu bom senso, ocupando de novo o seu lugar activo no sindicalismo.

Os militantes J. S. Boudoux e Commarieu.

AS GREVES

Texteis de Gouveia

Continua o movimento com o entusiasmo de início

GOUEIA, 19.—A greve da classe têxtil desta localidade mantém-se no mesmo estado.

Nos últimos dois dias não foram realizadas *démarches* pela comissão, que pediu a interferência do administrador do concelho, mostrando-se este disposto a solucionar o conflito.

Vai ser distribuído um manifesto a chamar o povo trabalhador a uma importante reunião.

O moral dos grevistas é excelente, mostrando-se dispostos a lutar até alcançarem o que pretendem.—C.

Conhece o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnífico «Mapa de Portugal e Ilhas de Dependência», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço Esc. 2\$50, pelo correio Esc. 3\$50. Pedidos à Livraria Popular de Francisco Franco — 30, T. S. Domingos, 34.

INTERESSES DE CLASSE

Funcionalismo Público

Os funcionários de Santarém protestam contra as reduções de ordenados

SANTARÉM, 19.—Na sala de sessões da Associação dos Empregados no Comércio, reúnem em assembleia geral os funcionários públicos desta cidade a fim de protestarem contra a pretendida diminuição de salários a fazer ao pessoal do Congresso e dos Correios e Telégrafos. Usaram a palavra vários oradores, que apreciaram a extensa moção neste sentido, a qual foi aprovada por fim.

HORÁRIO DE TRABALHO

Em Santarém

Os esforços da Associação dos Caixeiros. — Uma atitude vergonhosa dos caixeiros de Salvaterra de Magos

SANTARÉM, 19.—Tem merecido a melhor atenção a direcção da Associação dos Caixeiros, o último decreto que regula a lei n.º 5516. Por mais de uma vez se avisou com o governador civil tendo conseguido fazer respeitar o horário de trabalho, em diversas localidades, entre outras em Almeirim. Porém ultimamente continua a ser transgredido, em Cotoche, Chamusca, Abrantes, Tomar, Cartaxo e Almeirim. Em virtude desta reincidência, a Associação dos Caixeiros, officio ao governador civil, solicitando-lhe que se dignasse fazer cumprir a legislação vigente no que respeita ao horário de trabalho. Desta vez o sr. Mário Forte que até aqui tem atendido esta entidade com invulgar deferência, limitou-se a comunicar verbalmente ao presidente da direcção daquela Associação, que deveriam os queixosos participar às autoridades as transgressões. O governador civil que parece não ter simpatia nenhuma pelo decreto recente, sabe bem como os delegados do governo das pequenas terras toleram as transgressões e daí a razão da Associação local pedir que notifique aos delegados do governo para viajarem o cumprimento da lei. Sucede, porém, coisa curiosa, aparecer agora na Associação dos Caixeiros a informação de que em Salvaterra de Magos se pretende especular com uma torpe concordância de patrões com caixeiros incoerentes e adúladores, para que os estabelecimentos passem a abrir às 7 e encerrarem às 22 horas. É o cúmulo do servilismo! É uma base de carácter da parte dos empregados e um abuso da classe patronal, porque há patrões que ao contrário da miséria moral alguns caixeiros, preferem o cumprimento da lei, e caso raro, desta vez—segundo nos informam—o delegado do governo também quer fazer cumprir a lei; resta saber qual a atitude do governador civil em face dum tal facto.

Os patrões e empregados leigos dirigiram ou vão dirigir. Nem por devirmos ao sr. Mário Forte a consideração de sempre nos ter atendido com rara cortezia prescindimos do nosso direito de protestar se ele sancionar qualquer concordância entre patrões e caixeiros, para o desrespeito da lei. Apaz-nos registrar a atitude condigna do delegado do governo daquela terra, que, ao contrário do que costuma acontecer com outros delegados, se dispõe a fazer respeitar o horário.—C.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Reuniu ontem este Secretariado com a presença do secretário geral da C. G. T., secretário geral da Federação da Construção Civil e o dr. Sobral de Campos, advogado deste organismo, a fim de elaborar um estudo sobre o horário de trabalho em consequência do desrespeito ao mesmo em várias localidades do país.

Em face das imensas reclamações nesse sentido, deliberou efectivar uma consulta ao ministro do Trabalho a fim de se de ver esclarecida tão momentoso assunto, que com o próprio consentimento das respectivas autoridades administrativas é sistematicamente desrespeitado, sem que as mesmas sejam capazes de meter na ordem os próprios delinquentes.

Contra esta atitude os respectivos sindicatos veem de há muito reclamando que o referido horário de trabalho seja cumprido.

Federação da Construção Civil

Ao conhecimento desta Federação tem chegado informações de que em várias localidades do País as autoridades não só não fazem cumprir a lei n.º 5516 e seu regulamento, como ainda hostilizam os delegados operários que exigem o seu cumprimento.

Neste sentido uma comissão delegada desta Federação procurou o ministro do Trabalho expondo-lhe este facto e fazendo-lhe sentir que em Reguengos de Monsaraz o respectivo delegado do governo leva a sua hostilidade à lei, ao ponto de declarar que a mesma ali não podia ter execução, isto independente de constantes ameaças aos delegados operários, chegando o seu caricato critério de autoridade em ameaçar com prisão os delegados que andam em missão de fiscalização.

Em Chaves outro tanto têm feito as autoridades locais, indo mesmo mais longe, pois que além de não atenderem as reclamações operárias, declaram que para lá de Morão quem manda são os que lá estão.

Em Lamego uma comissão do Sindicato que procurou o presidente da Câmara, que também é deputado, a fim de lhe fazer sentir a necessidade em ser cumprido o horário na Câmara e nas diversas obras particulares que aquele senhor possui, este interessante legislador de leis para os outros cumprir, ameaçava e insultava a comissão mantendo-se na disposição de não cumprir a lei.

O ministro do Trabalho reconheceu a gravidade dos factos expostos e declarou à Comissão que ia tomar imediatas providências, no entanto esta Federação exorta mais uma vez os operários da construção civil de todo o país a imporem ao patronato o cumprimento do dia máximo de 8 horas de trabalho.

Condutores de carroças

Hoje, pelas 14 horas, realiza-se uma grande reunião magna dos operários condutores de carroças, para tratar do cumprimento do horário de trabalho, na Calçada do Combro, 38, A. 2.º

Pelas 19 horas realiza-se outra reunião de condutores da área do Poço do Bispo, na rua de Marvila, n.º 57, 1.º, também para tomar resoluções tendentes a fazer respeitar o horário de trabalho.

Em face da efervescência que se verifica na classe, é de esperar que nestas reuniões seja demarcada a atitude a tomar.

Na estação de Santa Apolónia

Nas obras que se estão fazendo na estação de Santa Apolónia, segundo nos comunica um operário que ali trabalha, o horário de 8 horas não é respeitado devido à desenfreada ganância dos empreiteiros e à inconsciência de alguns operários.

Em Vieira de Leiria não é respeitado o horário

Escreve-nos um operário da construção civil de Vieira de Leiria protestando con-

Vida Sindical

CONVOCAÇÕES

Federação Mobiliária. — Reúne amanhã, às 17.30 horas, a comissão administrativa.

SINDICATOS DA PROVINCIA
Construção Civil de Aveiro. — Reúne a assembleia geral, nomeando fiscais do horário de trabalho. Resolvido receber os pombalenses de visita à cidade.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Secção Metalúrgica. — Reúne em assembleia geral, pelas 21 horas, no próximo dia 25.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Os mobiliários, os gráficos e os manipuladores de bolachas de Coimbra reorganizam os seus sindicatos

COIMBRA, 19.—Não deve comerteza agradar aqueles que tanto apoucam a organização operária sindicalista integrada na C. G. T., e que pontificam no jornal do partido comunista a notícia aliás grata que vemos dar.

De há um mês aproximadamente para cá três classes reorganizaram os seus sindicatos: os mobiliários, os gráficos e os manipuladores de massas e bolachas.

Podia por acaso não ter sido devido à acção do Comité de Propaganda Federal desta cidade que esses sindicatos se organizaram. Porém, foi devido a ela que tal facto se deu, acrescentando-lhe ainda o esforço de alguns dedicados camaradas sindicalistas, cooperação dos organismos centrais, etc.

O Sindicato dos Operários Mobiliários, cuja classe tem belas páginas de luta sindicalista, estivera por falta de elementos parado bastante tempo. Porém ultimamente os seus interesses fortemente afectados por aquele caso da Penitenciária a que temos feito referência, levou-os novamente a